

ECAS 2013

5th European Conference on African Studies (Lisbon)

June
27-29



African Dynamics in a Multipolar World

ISCTE - Lisbon University Institute

ECAS 2013

5th European Conference on African Studies

African Dynamics in a Multipolar World

©2014 Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

ISBN: 978-989-732-364-5

WITHOUT POT YOU CANNOT COOK RICE

Lúcia Maria Bayan
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

luciabayan@gmail.com

Abstract

The Felupe society, before constraints and turbulences generated by external dynamics, has been able to adapt their internal dynamics to ensure its stability. Diversifying the agricultural production and serving up of the specificity of their social organization, the location of their ground and the ties with other Joola subgroups, the Felupe society strengthened and restructured traditional networks that allowed the improvement of their own conditions of life.

However, today, new factors are constraining its social cohesion and resilience: rainfall changes decrease the surface of mangrove rice; migration, even though seasonal, reduces the required hand labor; dependence, risk and uncertainty inherent to annual fluctuations of food prices in foreign markets, weakens the economy; the growing strength of the external and invasive dynamics strengthens the capacity of resilience. In fact, the growing and rapid increase of world market inconstancy makes more difficult the timely establishment of strategies of adaptation to turbulences caused in the balance of food security and, consequently, in social stability.

This paper explores these aggressive and abrupt changes of parameters which may strongly restrict the stability and resilience of the Felupe society.

Key words: Felupe Society, Global Dynamics, Turbulences, Food Insecurity, Rice growing

Resumo

Bem adaptada ao meio e detentora de um conjunto de saberes e técnicas que, durante séculos, lhe permitiu garantir a sua segurança alimentar, a sociedade Felupe encontra-se actualmente confrontada com mudanças bruscas de parâmetros que condicionam a sua estabilidade e resiliência: o crescente e rápido aumento da inconstância do mercado mundial dificulta a criação atempada de estratégias de adaptação; os fluxos instáveis de influências, ideias, comércios ilícitos, etc., promovem golpes de Estado que, por indutores de instabilidade política e/ou de segurança, alteram a organização social, agravam constrangimentos existentes, geram novas turbulências, fragilizam a coesão social e, conseqüentemente, a estabilidade social.

Este paper explora estas bruscas e agressivas mudanças de parâmetros que poderão condicionar fortemente a estabilidade e resiliência da sociedade Felupe.

Palavras-chave: Sociedade Felupe, Dinâmicas globais, Turbulências, Insegurança Alimentar, Orizicultura

Esta comunicação tem como objectivo abordar alguns dos resultados de uma investigação inserida no Projecto "Sociedades africanas face a dinâmicas globais: turbulências entre intervenções externas, migrações e insegurança alimentar"¹. Concretamente e tendo como base que as dinâmicas externas condicionam fortemente as dinâmicas internas das sociedades rurais africanas e que o mundo globalizado tende a olhar para uma sociedade como um todo esquecendo as suas partes, pretende-se analisar a interacção das dinâmicas globais na segurança alimentar de duas distintas zonas de uma sociedade rural localizada no noroeste da Guiné-Bissau, a sociedade Felupe ou Joola-ajamaat.

Dinâmicas externas vs. dinâmicas internas

As dinâmicas externas condicionam fortemente as dinâmicas internas das sociedades rurais africanas. Estas sociedades, maioritariamente dependentes de sistemas agrícolas de subsistência, têm sido confrontadas, desde as independências dos países africanos, com factores adversos que comprometem o equilíbrio dos seus sistemas produtivos e, por arrastamento, as suas organizações económica, social e política (Sigrist, 2001). Forçadas a reestruturar-se, adaptar-se e a inovar, reinventam-se de acordo com as diferentes condicionantes e dificuldades, tentando assegurar a sua sobrevivência (Temudo & Schiefer, 2004).

No entanto, o esforço de adaptação imposto às sociedades africanas é, actualmente, exponenciado pela força invasiva das dinâmicas da globalização (Batterbury, 2007). Esta é geradora de uma grande diversidade de fluxos de ideias, informação, capital, bens, pessoas, etc., promotores de mudanças bruscas e originadores de turbulências que contribuem para, de forma

¹ Projecto PTDC/AFR/104597/2008, financiado pela FCT, investigador responsável Ulrich Schiefer.

por vezes radical, induzir transformações significativas na vida económica, social e política das populações e mesmo, nalguns casos extremos, pôr em causa a própria sobrevivência quotidiana de sectores populacionais particularmente desfavorecidos (Schiefer, 2002). As múltiplas e graves crises que têm afectado todos os sectores – alimentar, financeiro, económico, político – das sociedades de todos os continentes comprovam a força devastadora das dinâmicas globais. Contudo, as mudanças bruscas de padrões impostas por estas dinâmicas não afectam todas as sociedades por igual. As sociedades rurais, dependentes de sistemas produtivos tradicionais, assentes em pequenas unidades familiares e dependentes de monoculturas, como é o caso da sociedade Felupe (um subgrupo Joola), encontram-se, de facto, mais fragilizadas para enfrentar as turbulências provocadas nas suas dinâmicas internas. Sujeitas à mudança brusca de parâmetros decisivos, como o custo dos alimentos e as políticas de migração, as suas dinâmicas de subsistência são forçadas e a sua resiliência pressionada.

Sociedade do arroz

Os Felupe (ou Joola-ajamaat) são um subgrupo da sociedade Joola, localizado na ponta extrema do noroeste da Guiné-Bissau e uma faixa estreita do sudoeste de Casamança. Tal como os Joola, também os Felupe construíram toda a sua organização social em torno da cultura do arroz. O seu sistema produtivo assenta em pequenas unidades familiares e é vocacionado principalmente para a produção de culturas alimentares para auto-consumo e de pequenos excedentes escoados através de um sistema de troca, que privilegia redes de parentesco e de aliança, complementado com a produção em pequena escala de culturas comerciais e pela pesca.

A sua localização em zonas de mangrove de difícil acesso e a sua oposição a uma autoridade externa facilitou o seu isolamento, limitando os contactos com o mundo externo.

Bem adaptada ao meio – área muito irrigada, com muitos mangues e palmares e um solo ferruginoso rico em matérias orgânicas, meio propício à orizicultura – esta sociedade é detentora de um conjunto de saberes e técnicas muito exigentes de mão-de-obra elevada e permanente.

Os relatos da era pré-colonial (Gomes Eanes de Zurara e Duarte Pacheco Pereira, citados em Mota, 1972, p. 183, 221 e 360; Bertrand-Bocandé citado em Linares, 1987, p. 122-124) e colonial (Almeida, 1955; Silva, 1960) mostram que esta sociedade detinha uma produção orizícola bem sucedida. No entanto, a partir dos finais da década de 1960, as duas maiores fragilidades do sistema produtivo desta sociedade – exigência de mão-de-obra numerosa e estável e dependência de um regime pluviométrico forte e prolongado – agudizaram-se devido, essencialmente, à diminuição de mão-de-obra e alteração pluviométrica.

A luta pela independência condicionou o acesso às bolanhas mais distantes das povoações e limitou a mão-de-obra necessária para a preparação das bolanhas e para a manutenção dos diques. Após a independência, o aumento da migração temporária e do êxodo rural agravou a falta de mão-de-obra.

A migração sazonal foi uma dinâmica integrante da sociedade Felupe. Efectuada pelos homens, durante a época seca, para a recolha de vinho de palma, que posteriormente era vendido pelas mulheres aos senegaleses, estava integrada no ciclo da orizicultura e constituía um contributo importante para a economia das famílias. Actualmente, a migração sazonal, é efectuada principalmente por jovens que se deslocam para a cidade para prosseguirem os seus estudos ou em busca de melhores rendimentos. No entanto, esta migração não coincide totalmente com o ciclo orizícola, pois o retorno destes migrantes, apesar de coincidente com a época da lavoura, é limitado ao período de férias escolares ou laborais, condicionando o contributo dado à exigência do sistema orizícola felupe de mão-de-obra numerosa e estável.

A instabilidade climática, sentida em África desde os finais desta década (1960), com secas frequentes, distribuição irregular de chuvas e encurtamento do período de chuvas limita a lixiviação correcta dos solos, favorecendo a acumulação de sal e diminuindo drasticamente a área produtiva.

De acordo com o Ministério da Agricultura da Guiné-Bissau, a má distribuição das chuvas no espaço e no tempo diminuiu, nos últimos anos, a superfície de arroz de mangal em cerca de 20% (Medina, 2008, p.15). Fragilizada pela alteração do regime pluviométrico, diminuição da área produtiva e da mão-de-obra e debilidade dos sistemas agrícolas tradicionais, a produção de arroz (65 kg por pessoa, por ano) deixou de ser suficiente para suprir as necessidades alimentares (110 kg por pessoa, por ano), sendo o défice de arroz cultivado colmatado com a compra deste cereal. De facto, a Guiné-Bissau necessita de importar cerca de 50% de arroz para satisfazer as necessidades nacionais, correspondendo, esta importação de arroz, a cerca de 1/3 das suas importações alimentares (Ba, 2007; Bock, 2009; Medina, 2008).

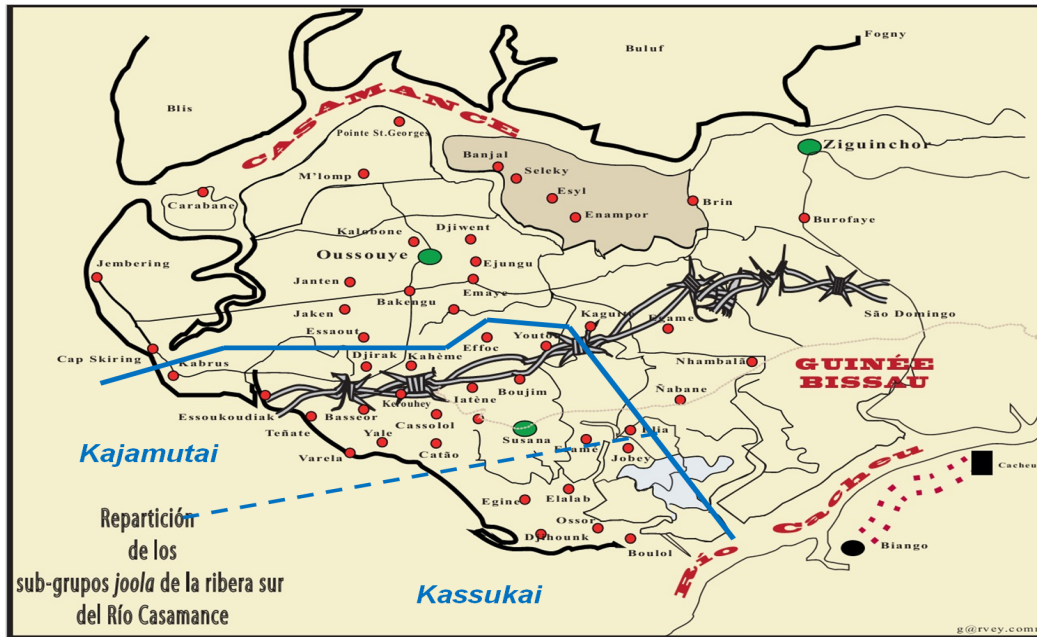
Com uma produção de arroz insuficiente para cobrir as suas necessidades, os Felupe diversificaram as suas estratégias para a obtenção dos rendimentos essenciais à compra do arroz em falta. No entanto, a sociedade Felupe no seu todo não é afectada de forma idêntica nem as estratégias escolhidas para as superar são as mesmas, pois, como refere Milton Santos (2008), "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialecticamente" (p. 339).

As estratégias dos lugares

As duas áreas escolhidas para este estudo têm diferentes características morfológicas. No norte, os mangues são bordejados ou intercalados por palmares permitindo a orizicultura em

bolanha² e em sequeiro. No sul, não existem palmares, apenas mangues e areia, não havendo espaço para o cultivo do arroz em sequeiro. Para os Felupe, as características morfológicas definiram os seus habitantes e, por isso, denominam os habitantes do norte de *kajamutai* (pessoas persistente) e os do sul de *kassukai* (pessoas das dunas). A diferença morfológica também condiciona os acessos. No norte, as deslocações são efectuadas por terra, especialmente a pé, e existe uma estrada, ligando São Domingos a Varela, onde circula um autocarro que permite o acesso à cidade. No sul, os Felupe deslocam-se principalmente de canoa, quer entre as povoações felupe, quer para atravessar o rio Cacheu e, por vezes, percorrem a pé a distância que os separa (cerca de 20 km) da estrada referida. Esta maior ou menor dificuldade de acessos condiciona, por sua vez, a deslocação dos Felupe aos mercados, aos equipamentos escolares e de saúde. Assim, localização, características morfológicas e tipos de acesso constituem, entre outros, condicionantes à adopção de estratégias para garantir a segurança alimentar.

² As bolanhas são terrenos alagadiços de fertilidade variável, de tipo mangue. No Senegal e na Guiné-Bissau as bolanhas de água salgada são utilizadas para o cultivo de arroz através de complexos sistemas de comportas para entrada e saída de água, tentando-se controlar a excessiva salinidade do solo através da água das chuvas.



Fonte: Labonia, Mónica (2012), "La realeza joola-ajamaat: gestión del conflicto casamanés y acción pacificadora", comunicação apresentada no CIEA-8 - VIII Congresso Ibérico de Estudos Africanos, Madrid.

No norte, desenvolveram a produção hortícola e frutícola que, com sucesso muito limitado, escoam através de circuitos comerciais no território guineense e através de redes fronteiriças. Nesta via, fazendo uso das redes de parentesco e de aliança com os outros grupos Joola, desenvolveram redes comerciais que lhes permitem vender estes produtos no Senegal, apesar do forte policiamento existente na zona fronteiriça devido às movimentações dos rebeldes do *Mouvement des Force Démocratiques de la Casamance* (MFDC).³ Esta permuta transfronteiriça permite também o acesso a uma maior diversidade de produtos. Na Guiné-Bissau, vendem estes produtos no mercado de São Domingos, a cidade mais próxima do território felupe, e a comerciantes de Bissau que os visitam. No entanto, este comércio é muito condicionado pelo mau estado das estradas, agravado durante a estação das chuvas, altura em que são praticamente intransitáveis, pela consequente falta de transportes e pela inexistência de centros de armazenamento.

³ Movimento independentista joola, fundado em 1947 e responsável por conflitos periódicos na Baixa-Casamansa, especialmente entre 1982 e 2004.

No sul, uma zona com mais água e muito mais isolada, a falta de mão-de-obra e a instabilidade climática ainda permitem uma produção de arroz suficiente para cobrir as principais necessidades alimentares, religiosas e de prestígio. Os jovens, para dar continuidade aos seus estudos, deslocam-se maioritariamente para Bissau, mas as dificuldades da cidade leva-os a regressar para as suas aldeias contribuindo assim para a manutenção do sistema orizícola. A produção e comércio de tomate e a pesca complementam as restantes necessidades. Mais distantes da fronteira com o Senegal, os Felupe desta zona vendem o tomate e o peixe, essencialmente seco, nos mercados de Suzana e Arame a comerciantes de Bissau que aí se deslocam. Durante a época seca, são também visitados por comerciantes senegaleses em busca de tomate e por alguns comerciantes de Bissau que lhes compram peixe fresco.

No norte, outra das estratégias para a obtenção do arroz foi a adopção das culturas de renda, amendoim e caju, que permitem o acesso aparentemente mais facilitado a rendimentos, mas concorre na utilização dos terrenos de cultivo, alterando o equilíbrio da dieta alimentar felupe, e deixando-os muito dependentes das diretivas do governo guineense impostas pelas flutuações bruscas de preço e de mercado.

O amendoim foi, nas primeiras décadas do século passado, uma cultura de exportação geradora de rendimentos favoráveis, mas actualmente detém um peso pouco significativo na balança comercial da Guiné-Bissau (Ba, 2007; Bock, 2009; Medina, 2008) e, por isso, o controlo estatal à sua venda é diminuto, permitindo que os Felupe, fazendo uso da malha de redes estabelecida entre as povoações felupe dos dois lados da fronteira e entre estas e as povoações dos outros subgrupos Joola, efectuem a sua venda no Senegal por melhor preço, apesar de limitados a pequenas quantidades dependentes da capacidade individual de transporte.

Bem diferente é a cultura do caju. De facto, a castanha de caju é, desde a década de 1990, o principal produto de exportação da Guiné-Bissau, correspondendo a cerca de 90% do total das suas exportações. Os rendimentos obtidos, a comodidade do trabalho exigido pela cultura do caju, que por se limitar essencialmente à colheita também exige menos mão-de-obra que o arroz, e a instauração de um sistema de troca entre a castanha de caju e o arroz (1 kg de castanha de caju por 1 kg de arroz) levou à generalização da cultura do caju, reflectido pela taxa de crescimento médio anual de cerca de 16% (Ba, 2007; Bock, 2009; Medina, 2008).

Para além da venda da castanha do caju, a cultura do caju é também favorável pelos rendimentos obtidos com a venda do vinho e aguardente produzidos a partir do seu fruto. Os Felupe vendem o vinho e a aguardente nos mercados locais e também no Senegal, fazendo uso das suas redes comerciais transfronteiriças.

Para a castanha de caju, esta estratégia era, até 2012, difícil de adoptar, pois, sendo a cultura de exportação por excelência, o exército guineense era colocado na fronteira durante toda a campanha, impedindo o seu transporte para o Senegal.

Devido aos condicionalismos referidos de transporte e armazenagem, os produtores felupe vendem a castanha de caju a pequenos comerciantes externos que percorrem as suas aldeias durante a época da campanha e, como tal, raramente conseguem vender ou trocar a castanha de caju pelo valor fixado pelo governo. Ainda assim, o aumento dos rendimentos obtidos com a venda da castanha de caju, adicionado aos rendimentos da venda do vinho e da aguardente, permite o acesso a bens e serviços, contribuindo para a melhoria das condições de vida das famílias felupe. Reflexo disso é o número crescente de comerciantes ambulantes itinerantes que actualmente, na estação seca, percorrem de bicicleta o território felupe comercializando produtos

importados como lanternas, telemóveis, colchas, cortinados, etc. e o número crescente de jovens felupe que prosseguem os seus estudos nas cidades de São Domingos e Bissau.

O rendimento obtido com a comercialização da castanha e a aguardente de caju, aliado à influência de algumas das dinâmicas da globalização, como a descida de preço de muitos produtos importados, permite à sociedade Felupe o acesso a outros bens e serviços como as comunicações móveis e a energia eléctrica.

A possibilidade de aquisição de telemóveis e de serviços de telecomunicação é também favorecida pelo acesso facilitado às redes móveis senegalesas, devido à localização geográfica do território felupe. A utilização deste serviço permite uma melhor comunicação entre os habitantes felupe dos dois lados da fronteira, reforçando os laços desta sociedade.

O acesso a energia eléctrica, inicialmente muito oneroso porque dependente de recursos para a aquisição de geradores e gásóleo para o seu funcionamento, estava limitado a um número muito reduzido de famílias felupe, circunscrevendo-se geralmente apenas a alguns produtores de caju com algum sucesso. Contudo, a baixa substancial do preço dos sistemas de energia solar, provocada pela presença da China no mercado mundial, alterou esta situação, permitindo a um número crescente de famílias felupe o acesso a energia eléctrica.

Após o golpe de Estado, em Abril de 2012, esta situação alterou-se: os bancos deixaram de financiar os grossistas e os importadores indianos abandonaram o país. Ainda assim, os Felupe, aproveitando o desgoverno que grassava no país, fizeram uso das suas redes e conseguiram vender a castanha de caju no Senegal.

Este ano, 2013, a situação alterou-se: o desgoverno do país mantém-se, mas o comércio da castanha de caju está em declínio. A Índia aumentou a sua produção e a castanha de caju, que era

vendida a cerca de 350 francos CFA (0,55 €), perdeu valor e está a ser comercializada a cerca de 100 francos CFA o kg (0,15 €).

Sendo extremamente dependentes do rendimento obtido com a produção de caju, esta brusca e grande alteração de preços coloca os Felupe em sérias dificuldades para colmatarem o défice de produção orizícola necessária ao garante da sua alimentação e obrigações religiosas e sociais. A esta conjuntura são conjugadas muitas outras turbulências trazidas pelo golpe de Estado, indutoras do desequilíbrio das organizações económica, social e política e que, ameaçando a estabilidade da sua sociedade, leva os Felupe a um maior afastamento/desconfiança (ou mesmo antagonismo?) do Estado guineense, a quem intitulam *alulum-âu*, “o branco”, e a socorrerem-se das estratégias tradicionais.

Bem diferente é a situação no sul onde as características geográficas – areais e mangues – não permitiram a adopção das culturas do amendoim e do caju, limitando os Felupe desta zona à exploração do arroz, tomate e pesca. A abundância de água e a menor diminuição de mão-de-obra permitem a produção do arroz necessário para satisfazerem as suas necessidades alimentares, religiosas e de prestígio. Contudo, o incremento da produção de tomate e da pesca não deram os frutos esperados, pois o seu comércio encontra-se muito limitado pela dificuldade de acesso aos mercados, permitindo pouco mais do que a compra do vinho de palma, produto indispensável religiosa e culturalmente.

Desacreditados do Estado e acreditando no reforço da sua sociedade como forma para superar as dificuldades, esta sociedade encontra-se em plena reestruturação. Sem *Ây* (uma espécie de rei) desde 2002, actualmente reactivaram o moroso processo de sucessão congregando assim toda a sociedade em torno dos seus valores tradicionais e identitários. E, em relação às estratégias de produção, viram-se agora, na zona norte, para a exploração do vinho de palma.

A colheita e venda do vinho de palma eram, como referido acima, dinâmicas tradicionais e sazonais da sociedade Felupe. Durante os anos proveitosos do caju, o comércio do vinho de palma esteve praticamente limitado ao território Felupe, até porque a zona sul não tem palmeiras e, quanto mais não seja por imposição religiosa, precisa de comprar este vinho.

Actualmente, os Felupes incrementaram a produção do vinho de palma e conseguiram estabelecer um circuito de comercialização com comerciantes senegaleses que, pouco a pouco, tem vindo a crescer. Este ano, durante a época seca, os comerciantes senegaleses percorriam, duas vezes por semana, os mercados de venda deste produto distribuídos por vários locais ao longo da estrada que liga São Domingos a Varela. Por razões religiosas, a colheita e comercialização do vinho de palma só pode ser efectuada durante a época seca, mas actualmente já há produtores felupe a fazer a recolha do vinho de palma durante a época das chuvas.

A adopção desta nova estratégia para garantir a segurança alimentar detém algumas fragilidades: por um lado, indo contra as prescrições religiosas põe em risco a organização social, uma vez que esta é absolutamente dependente do sistema religioso e, por outro lado, está exclusivamente condicionada à necessidade senegalesa de vinho de palma.

Conclusão

As diferentes estratégias adoptadas por estes dois espaços da sociedade Felupe comprovam que as dinâmicas externas não condicionam todos os espaços da mesma forma, assim como também as dinâmicas internas encontram formas diferentes de adaptação. As estratégias das partes têm permitido a adaptação desta sociedade a condicionalismos e turbulências geradas por dinâmicas externas. Diversificando a produção agrícola e servindo-se da especificidade da sua

organização social, da localização do seu *chão* e dos laços tecidos com outros subgrupos Joola, reforçou e reestruturou redes tradicionais que permitiram a melhoria das suas condições de vida.

No entanto, actualmente novos factores condicionam a sua coesão social e resiliência: a dependência, risco e incerteza inerentes às flutuações anuais dos preços dos alimentos nos mercados externos fragilizam a economia e a crescente força invasiva das dinâmicas externas força a capacidade de resiliência. De facto, o crescente e rápido aumento da inconstância do mercado mundial dificulta a criação atempada de estratégias de adaptação às turbulências causadas no equilíbrio da segurança alimentar e, conseqüentemente, na estabilidade social. Os fluxos instáveis de influências, ideias, comércios ilícitos, etc., promovem golpes de Estado que, por indutores de instabilidade política e/ou de segurança, alteram a organização social, agravam os constrangimentos existentes, geram novas turbulências, fragilizam a coesão social e, conseqüentemente, motivam insegurança alimentar.

Bibliografia

- Almeida, Carlos Lehmann de (1955), “Inquérito etnográfico sobre a alimentação dos felupes”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, X (40), pp.617-634.
- Ba, Mody M. D. (2007), *Estudo de Mercado sobre a comercialização de produtos locais no sector de São Domingos*, Lisboa: IMVF e AD.
- Batterbury, S. (2007), “Rural populations and agrarian transformations in the global South”, *CICRED Policy Paper no.5*, Paris: CICRED.
- Bayan, Lúcia (2010), *Autoridades Tradicionais, insegurança alimentar e gestão de recursos: um estudo de caso no Reino Felupe de Suzana (Guiné-Bissau)*, dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Lisboa: ISCTE-IUL.
- Bock, Augusto João (2009), *Segurança Alimentar – potencialidade dos recursos na Guiné-Bissau e política alimentar*, tese de doutoramento em Engenharia Agronómica, Lisboa: ISA-UTL.

- Chéneau-Loquay, Annie (1994), “Demain, encore le riz? Fin d’une civilisation?”, em François-George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance. Chronique d’une intégration contrastée*, Paris: Karthala, pp.351-383.
- Davidson, Joanna (2007), *Feet in the Fire. Social Change and Continuity among the Diola of Guinea-Bissau*, Tese de doutoramento, Faculty of the Graduate School of Emory University, Atlanta, Georgia.
- Journet-Diallo, Odile (2000), “Le peuplement joola de la région frontalière”, *Migrations anciennes et peuplement actuel des Côtes guinéennes*, Cahiers lillois d’économie et de sociologie, (n° spécial) : L’Hartmattan, pp.81-92.
- Julliard, André (1994), “Droit du sol en Guinée-Bissau”, em François-George Barbier-Wiesser (coord.), *Comprendre la Casamance, Chronique d’une intégration contrastée*, Paris, Éditions Karthala, pp.129-152.
- Linares, Olga F. (1987), “Deferring to Trade in Slaves: The Jola of Casamance, Senegal in Historical Perspective”, *History in Africa*, African Studies Association, 14, pp. 113-139, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3171835>>.
- Medina, Nambú (2008), *O ecossistema orizícola na Guiné-Bissau: principais constrangimentos à produção na zona I (regiões de Biombo, Cacheu e Oio) e perspectivas*, dissertação de Mestrado, Lisboa: ISA-UTL.
- Mota, A. Teixeira da (1972), *Mar, Além Mar*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Pélissier, Paul (1966), *Les paysans du Sénégal. Les civilisations agraires du Cayor à la Casamance*, Saint-Yrieix: Fabrègue.
- Santos, Milton (2008). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- Schiefer, U. (2002), *Von allen guten Geistern verlassen? Guinea Bissau: Entwicklungspolitik und der Zusammenbruch afrikanischer Gesellschaften*, Hamburg: Institut für Afrika-Kunde.
- Sigrist, Christian (2001), “La destruction des sociétés agraires en Afrique. Esquisse théorique”, *CEA* (1), pp.69-84.
- Silva, Artur Augusto da (1960), “Usos e costumes jurídicos dos Felupes da Guiné”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, XV (57), pp.7-52.
- Temudo, M.P. e Schiefer, U. (2004), "Disintegration and Resilience of Agrarian Societies in Africa - the Importance of Social and Genetic Resources: A Case Study on the Reception of Urban War Refugees in the South of Guinea-Bissau", *Current Sociology*, 51(3/4), pp.393-416.
- Thomas, Louis-Vincent (1958/9), *Les Diola, essai d’analyse fonctionnelle sur une population de Basse-Casamance*, Vol. I e II, Dakar: IFAN.

Tomàs, Jordi (2009), "Identidad, "resistencia" y religión tradicional entre los joola del sur del río Casamance", AIXELÀ, Yolanda, Lluís Mallart e Josep Martí (eds.), *Introducción a los Estudios Africanos*, Barcelona, CEIBA, pp. 131-144.